

As Consequências Ambientais da Guerra entre Rússia e Ucrânia

ISIS AQUINO

O conflito entre Rússia e Ucrânia, deflagrado em 14 de fevereiro de 2022 com a invasão russa, trouxe consigo um lastro de prejuízos ambientais sem precedentes na história ucraniana (RAWTANI et al., 2022). A presente análise apresenta alguns dos aspectos de curto e longo prazo das consequências da guerra para a sustentabilidade ambiental (?), a nível doméstico e internacional. Também serão debatidas algumas das variáveis de poder em torno desse fenômeno, assim como possíveis respostas por parte de governos, organismos internacionais e sociedade civil.

Impactos Locais

Desde o início das movimentações militares de 2022 no território ucraniano foi possível atestar a destruição da infraestrutura do país, prejudicando os suprimentos de água potável da região e inviabilizando a gestão de resíduos local. O bombardeio de indústrias também gerou o vazamento de produtos tóxicos no solo, que por sua vez poluem os reservatórios de água e dificultam ainda mais o acesso à água potável por parte dos seres humanos, fauna e flora nativos (RAWTANI et al., 2022).

Muitas das vezes a instalação de acampamentos militares e zonas de batalha demanda o desmatamento de áreas florestais e de preservação, que são estrategicamente preferíveis. A movimentação de tropas militares e o acondicionamento de zonas de batalha em zonas de natureza, somados às queimadas que se alastram após bombardeios, são responsáveis por aumentar 45 vezes o desmatamento no país desde o início do conflito (ibid.). Cabe destacar que mais de 44% das áreas de preservação nacionais estão dentro da zona de guerra, sendo assim, todas essas matas reservadas especialmente por serem importantes para o equilíbrio ambiental dos biomas do país estão expostas às adversidades supracitadas, havendo mais de 1500 casos de destruição de ecossistemas em detrimento da guerra reportados ainda em dezembro de

2022 (ibid.).

Os bombardeios também afetam a estrutura e fertilidade do solo, prejudicando áreas agricultáveis. O Programa das Nações Unidas Para o Meio Ambiente (PNUMA) já aponta que os solos ucranianos estão entre os mais prejudicados por desastres de guerra, ao lado da Síria, Iraque e Afeganistão. Os detritos dispersos em detrimento dos ataques e da queima de combustíveis descontrolada também afetam a qualidade do ar, que tem sua filtração prejudicada pelo desmatamento da vegetação e geram a morte de animais polinizadores locais (RACIOPPI et al., 2022).

As batalhas inviabilizam a manutenção de infraestrutura mínima de saúde e manejo de danos, deixando a população vulnerável a eventos climáticos, que são favorecidos pelo aumento de emissão de gases estufa pelos países beligerantes (KREIKE, 2022). A produção de armamentos e bens militares também consome recursos e é responsável por emissões poluentes e consumo de recursos não renováveis (GUARDASHUK, 2022).

Os impactos ambientais da guerra interagem entre si e resultam em prejuízos duradouros, ao mesmo tempo que intensificam a emergência humanitária atual corrente. O infográfico abaixo exemplifica alguns dos grandes efeitos ecológicos do conflito:

Figura 1 - Impactos Ambientais da Guerra entre Rússia e Ucrânia



Impactos globais

Na sociedade globalizada, onde os países estão profundamente ligados por uma complexa rede de interações, uma guerra como a de Rússia e Ucrânia desencadeia uma série de consequências que afetam o sistema internacional. No que tange à sustentabilidade global, é possível observar que ela está diretamente relacionada ao aumento das emissões de carbono e ao distanciamento do debate ambientalista.

SASMOKO et al. (2023) evidenciam que a guerra está relacionada ao aumento das emissões de gases de efeito estufa a nível global. Essa constatação se dá em razão do desmatamento local - pois apesar de representar somente 6% do território do continente, a Ucrânia representava, até 2022, 35% da biodiversidade europeia (RAWTANI et al., 2022) - mas sobretudo devido ao crescimento na demanda por armamentos e produtos militares, que consome energia e insumos de origem renovável e não renovável, sobretudo combustíveis fósseis (SASMOKO et al. 2023).

A crise humanitária e de segurança também gera um efeito colateral no espaço que a agenda ambiental possui dentro das cúpulas de interesse. Diante das ameaças à segurança doméstica, os Estados priorizam as pautas relacionadas à defesa de seus interesses nacionais, e nesse movimento compromissos climáticos como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) ou o Acordo de Paris perdem prioridade na formação das políticas públicas locais e nas instituições internacionais (ibid.).

Retrocessos na política ambiental da União Europeia

É possível observar, ainda, que a secundarização dos pactos socioambientais repercutiu rapidamente entre as nações da região que são afetadas indiretamente pela Guerra. O conflito rapidamente desbalanceou a exportação de commodities russas - sobretudo gás natural e fertilizantes - e ucranianas - trigo, grãos, vegetais etc -, principalmente para países da Europa, Oriente Médio e África (PORTNER et al., 2022).

Cabe analisar, neste contexto, o caso da União Europeia e suas respostas à crise de fornecimento de produtos alimentícios e combustíveis. Mesmo se colocando na

vanguarda da resposta à crise climática e promoção de modelos sustentáveis, foi possível observar um retrocesso nos avanços de medidas de desenvolvimento sustentável diante dos riscos da falta de abastecimento por conta da guerra. Com o fluxo de gás natural e combustíveis fósseis originados da Rússia, interrompidos ou mitigados, os projetos de diversificação das fontes de energia foram preteridos em relação a segurança imediata da energia fruto retomada da queima de fontes não renováveis, inclusive carvão mineral (RACIOPPI et al., 2022).

Rússia e Ucrânia representavam a produção de aproximadamente 9% dos grãos e óleos vegetais do mundo, colocando o restante do mundo, e notoriamente os europeus, à beira de uma crise alimentar com a oscilação de oferta em detrimento do conflito territorial (PORTNER et al., 2022).

A instabilidade em commodities alimentares, sobretudo trigo e grãos produzidos pela Ucrânia, levou a retirada de investimentos do programa de agricultura familiar da União Europeia e o redirecionamento de incentivos à produção de monoculturas de larga escala, com grande impacto ambiental (PEREIRA et al., 2022). As medidas têm eficiência altamente questionável uma vez que o sistema de monocultura é mais vulnerável a crises e vai em sentido contrário a uma resposta holística dos desafios internacionais, reforçando ciclos prejudiciais e afastando ainda mais o avanço de Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ibid.).

É possível constatar que a guerra gera retrocessos no debate de políticas ambientais globais, não somente em razão do consumo direto das movimentações militares, mas também porque os países vizinhos não vem priorizando respostas e estratégias de cooptação dos efeitos colaterais que levem em consideração o desenvolvimento sustentável (PEREIRA et al., 2022).

Guerra, ecocídio e genocídio

Quando analisamos a correlação entre degradação ambiental e guerra é possível constatar que, por vezes, o esgotamento dos recursos do território invadido é uma estratégia de enfraquecimento do inimigo. Dentro desse contexto, é possível constatar a instrumentalização do Meio Ambiente como ferramenta política e, em último caso, ferramenta de guerra (KREIKE, 2022).

A destruição da natureza, como arma contra territórios invadidos, é uma prática que remonta a contextos de Guerra Total, nos quais civis são entendidos como alvo legítimo por parte dos exércitos (ibid.). Práticas ecocidas, nas quais se atenta contra a biodiversidade local, estão intimamente ligadas à migração forçada e ao genocídio dos povos locais durante o conflito, bem como as gerações futuras que terão sua saúde e reconstrução afetadas pelos ostensivos danos à biosfera (ibid.). A destruição física do país está conectada com o desenvolvimento de doenças físicas e mentais na população, e ao mesmo tempo desarticula a rede de saúde do país, gerando uma mortalidade em cadeia de civis que perdurará por anos, mesmo com o fim das batalhas (RACIOPPI et al., 2022).

Ainda não é possível afirmar que nesse conflito existe intencionalidade estratégica na aniquilação dos recursos naturais, entretanto, também não é adequado considerar que a degradação ambiental denunciada seja tratada minimamente como um “efeito adverso”, uma vez que contribuem para a emergência climática global e atentam contra o direito a própria terra dos cidadãos e seus descendentes (RAWTANI et al., 2022).

Discute-se na arena internacional a possibilidade de construção de ações militares de mínimo impacto ambiental, bem como indústria de armamento “verdes” que busquem o uso de fontes de energia renovável, mas a própria experiência russo-ucraniana é um grande indicativo da inviabilidade do avanço de pautas ambientais dentro do militarismo e, de maneira geral, na ausência de paz regional (SASMOKO et al., 2023).

Considerações Finais

É possível pensar respostas à devastação ambiental em razão da guerra a partir da perspectiva institucionalista, baseando-se na existência de tratados e pactos que regulam a questão, mas é fulcral buscar alternativas que tratem o problema de maneira holística, entendendo a integração entre sociedade e sustentabilidade, fatores que interagem entre si.

Para garantir a gestão de danos e responsabilização futura, é essencial que a população lesada e o governo ucraniano que a representa denunciem internacionalmente e documentem as degradações ambientais (GARDASHUK, 2022). Paralelamente, ativistas também articulam demandas pela inclusão de crimes contra a sustentabilidade

dentro da jurisdição do Tribunal Penal Internacional, a fim de garantir o julgamento e reparação adequada o quanto antes (RAWTANI et al., 2022).

Existem pactos internacionais para coibir o uso da destruição territorial, da infraestrutura e dos recursos naturais de um país com interesses bélicos. A Convenção sobre a Proibição da Utilização de Técnicas de Modificação Ambiental para Fins Militares ou Quaisquer Outros Fins Hostis (1976) determina como crime de guerra o uso de técnicas que visem prejudicar territórios no longo prazo. Tanto a Rússia como a Ucrânia são signatárias da do mecanismo, assim sendo, existe base legal no direito internacional para estabelecer cobranças internacionais pelo compromisso com a preservação ecológica mesmo diante do conflito (GARDASHUK, 2022).

Articular um conjunto de ações que demonstre a centralidade da sustentabilidade no caso deste conflito é essencial para mitigar danos, fortalecer as negociações de paz ou contribuir no cessar fogo, e garantir, com isso, a reconstrução imediata das estruturas locais de saneamento básico, saúde, gestão de resíduos e reflorestamento (SASMOKO et al., 2023).

Contudo, cabe questionar a efetividade dos mecanismos institucionais. Mesmo diante da existência dos acordos supracitados, a guerra e seu lastro de destruição ambiental vigoram sem que as medidas previstas representem uma proteção eficiente. As instituições, os Estados e os indivíduos que constroem essas medidas são os mesmos que beligeram ou lucram com a demanda armamentista e as prerrogativas de guerra (LOWY, 2019).

Historicamente, as demandas populares anti guerra e pela defesa do meio ambiente surgem no mesmo tempo e espaço - remontando às mobilizações por direitos humanos entre as décadas de 1960 e 1970. A agenda ambiental e a agenda pela paz internacional convergem em relação às suas demandas por prosperidade, diálogo, justiça e urgem pela cooperação internacional humanitária (GARDASHUK, 2022).

Da mesma forma, os conflitos contemporâneos e a injustiça ambiental são atravessados por interesses de elites financeiras que prevalecem em detrimento da segurança internacional e das nações. As disputas pela manutenção da Ordem Mundial - ditadas pela burguesia neoliberal - estão intrinsecamente ligadas à disputa entre Ocidente e Oriente pelo domínio do leste da Ucrânia; à expansão da

OTAN; à ascensão de tendências totalitárias nos campos políticos em questão, entre outras razões determinantes para a existência do conflito e de suas reverberações.

As lutas por hegemonia dentro do capitalismo estão intrinsecamente ligadas ao conflito entre Rússia e Ucrânia. É através desse mesmo sistema de expansão ilimitada da produção que a degradação ambiental se articula. A existência de um conflito internacional de tamanha brutalidade, perpassado tão profundamente por interesses capitalistas, bem como a impotência internacional na prevenção e resolução do mesmo, são indicativos de um problema sistemático na distribuição do poder (LOWY, 2019).

Não basta, tendo em vista a emergência climática e as raízes materiais das guerras contemporâneas, limitar as respostas internacionais ao campo institucional. É necessário que o debate avance para uma análise do sistema de produção e sustentação das dinâmicas de morte, tanto a humana quanto da biodiversidade terrestre.

Referências

Ecosocialismo, Democracia e Nova Sociedade. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/591623-ecossocialismo-democracia-e-nova-sociedade> Acesso em: 24 mai 2023.

GUARDASHUK, T. Environmental Threats of War in Ukraine. *Envigogika*, v. 17, n. 1, pp. 1-4, 2022.

KREIKE, Emmanuel. *Scorched Earth: Environmental Warfare as a Crime Against Humanity and Nature*. Estados Unidos: Princeton University Press, 2022.

PEREIRA, P. et al. The Russian-Ukrainian armed conflict will push back the sustainable development goals. *Geography and Sustainability*, vol. 3, n. 3, pp. 277-287, 2022.

PORTNER, L. et al. We need a food system transformation—In the face of the Russia-Ukraine war, now more than ever. *One Earth*, v. 5, n. 5, pp. 470-472, 2022.

RACIOPPI, F. The impact of war on the environment and health: implications for readiness, response, and recovery in Ukraine. *The Lancet*, v. 400, n.10356, pp. 871-873, 2022.

RAWTANI, D. et al. Environmental damages due to war in Ukraine: A perspective. *Science of The Total Environment*, v.850, pp. 1-7, 2022.

SASMOKO. War psychology: The global carbon emissions impact of the Ukraine-Russia conflict. *Sec. Environmental Economics and Management*, v. 11, pp. 1-6, 2023.